

A EDUCAÇÃO INDÍGENA NA ESCOLA E A DOMESTICAÇÃO INDÍGENA DA ESCOLA¹

Myriam Martins Alvares²

RESUMO – A educação Escolar indígena, contemporânea à colonização, é fruto do contato. A cargo do Estado e seus aliados, foi sempre definida por um projeto claro: catequizar e civilizar, integrar as populações indígenas à sociedade nacional, em poucas palavras, abolir a diferença. Impulsionados pelas organizações indígenas e do indigenismo paralelo, somente nos últimos anos, surgem projetos alternativos voltados para a autodeterminação dos povos indígenas, que, posteriormente são assumidos pelo Estado. A educação escolar indígena passa a ser também diferenciada, específica, intercultural e bilíngüe. Um sobrenome longo para tentar definir o processo de tradução cultural, pelas sociedades indígenas, desta instituição ocidental chamada escola. Este artigo reflete sobre o significado e o lugar que ocupa a escola dentro dos processos de embate das forças políticas locais e das rearticulações de identidade de uma sociedade indígena – os Maxakali do nordeste de Minas Gerais – no momento em que enfrentam a complicada tarefa de implantarem, na sua própria sociedade, uma escola indígena diferenciada. Procura também, compreender o processo de resignificação cultural realizado pelos Maxakali da ideologia ocidental do individualismo e de novas categorias e significados trazidos através da escola.

PALAVRAS-CHAVE: Educação indígena, Maxakali, Minas Gerais, Política Indigenista.

¹ Trabalho apresentado ao GT Política Indigenista, Movimentos Étnicos e Estados Nacionais da XXI Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, Vitória/ES, 5-9 de abril de 1998.

² SEE-Programa de Implantação de Escolas Indígenas. Coordenação. Antropóloga/Professora-PUC-MG. Rua Rita Alves Castanheira, 360. Bairro Dona Clara. Cep. 31260-300. Belo Horizonte-MG. Tel/Fax: 0xx31 497.8703. E-mail: malvares@globalsite.com.br

ABSTRACT – *Indian school education, contemporary to colonization, is the result of contact. At the charge of the State and its allies, it has always been defined by a clear project: catechize and civilize, integrate indian populations into national society, in a few words, to abolish the difference. Driven by the indian organizations and parallel indigenism, only in recent years have alternative projects appeared, which are based on the self-determination of indigenous peoples, which are later taken on by the State. Indigenous school education is also differentiated, specific, intercultural and bilingual. A long surname to try to define the process of cultural translation by the indigenous societies of this Western institution called school. This article reflects the meaning and place of the school within the processes of struggle of local political forces and the initiatives of an indigenous society – the Maxakali of the northeast of Minas Gerais – at a time when they ace the difficult task of establishing, in their own society, a differentiated indigenous school. It also seeks to understand and the new categories and meanings brought by the school.*

KEY WORDS: Indigenous education, Maxakali, Minas Gerais, Indigenist policy.

A EDUCAÇÃO INDÍGENA NA ESCOLA E A DOMESTICAÇÃO INDÍGENA DA ESCOLA

O ensino escolar e a implantação de escolas nas sociedades indígenas são contemporâneos à colonização e são sem dúvida, frutos do contato. Aliada à invasão de suas áreas tradicionais e a destruição das suas riquezas naturais e populações, as sociedades indígenas foram também brindadas pelos agentes coloniais, com atividades escolares de caráter civilizatório e missionário.

Primeiro a cargo dos Jesuítas e outras ordens religiosas, a cargo do Estado aliado à Igreja a partir do Império, a educação escolar indígena foi sempre definida por um projeto claro: catequizar e civilizar, integrar as populações indígenas à sociedade ocidental - em poucas palavras, abolir a diferença.

Somente nestas últimas três décadas é que assistimos a uma profunda transformação no que se refere à educação escolar indígena. A sociedade civil organizou-se através de diversas entidades, dentre elas as indígenas e indigenistas, que passaram a participar de maneira ativa no cenário político do país, impondo uma perspectiva própria sobre as suas questões. Embora tão antiga quanto a própria história do contato, é nesse novo contexto de resistência política que vai se consolidar a questão da educação escolar indígena. A escola irá assumir um novo papel frente às sociedades indígenas: de instrumento de dominação passa a instrumento de reafirmação étnica e cultural, além de fonte de conhecimento da lógica da sociedade envolvente.

Estes direitos, conquistados politicamente pelos índios, são garantidos por lei a partir da Constituição de 1988. A Constituição assegura também o direito ao uso da língua materna e dos processos próprios de aprendizagem. A educação escolar indígena passa ainda a ser diferenciada, específica, bilíngüe e intercultural, um sobrenome longo para tentar definir o processo de domesticação, pelas sociedades indígenas, desta instituição ocidental chamada escola.

Vários trabalhos recentes vêm problematizando e refletindo sobre as questões pedagógicas do ensino intercultural, dos processos próprios de aprendizagem e da relação entre os etnoconhecimentos e o ensino das ciências ocidentais. Questões fundamentais, sem dúvida, que enfrentamos ao assessorar esta nova proposta de educação escolar indígena. Mas, questões que não esgotam os problemas colocados *para as sociedades indígenas*, com relação à instauração no seu seio de uma instituição estrangeira à sua lógica, à sua organização social e política e à sua busca de autodeterminação.

O Programa Estadual de Implementação de uma Política Educacional para os Povos Indígenas de Minas Gerais, foi iniciado em 1995 com a realização de um diagnóstico nas quatro terras indígenas do

estado – Pataxó, Krenak, Xacriabá e Maxakali. São metas deste programa: a realização de um curso de formação em magistério para professores indígenas, a criação e construção de escolas indígenas diferenciadas e a produção, pelos professores indígenas, de material didático específico. O programa conta com a participação de um corpo de assessores composto por professores universitários, antropólogos, linguistas, especialistas em educação indígena e técnicos da Secretaria Estadual de Educação e da FUNAI.

O curso de formação de professores, que tem sua conclusão prevista para o final de 1999, é realizado em módulos de ensino concentrados, nos meses de julho e fevereiro no Parque Florestal do Rio Doce. São 66 professores das quatro etnias, dos quais os Maxakali participam com 10 professores. Além dos módulos no parque, são realizados também cursos sobre o manejo do território, língua indígena, assessorias antropológicas e acompanhamento da implementação do processo escolar nos territórios indígenas. Paralelo à sua formação, os professores indígenas iniciaram também as atividades docentes nas escolas das aldeias.

Este artigo pretende fazer um rápido sobrevôo numa área indígena – a dos Maxakali localizada no vale do Mucuri, nordeste mineiro, no momento em que enfrentam a complicada tarefa de implantarem, na sua sociedade, uma escola indígena, motivados pelo programa “Implantação de Escolas Indígenas de MG”, gerenciado e financiado pela Secretaria de Estado da Educação em Convênio com a UFMG, FUNAI e IEF.

O motivo de fazermos esta viagem é tentar levantar, junto com os Maxakali, algumas questões significativas para uma reflexão sobre os processos e as consequências para uma sociedade indígena, da implantação de um programa de criação e gerenciamento de escola indígena diferenciada. Como ressaltou Barros (1997:31), é importante, nesse

momento, estabelecer “um diálogo estreito entre etnografia e educação”, no sentido de levantar elementos para melhor refletir sobre o significado e o lugar que ocupa a escola dentro dos processos de embate das forças políticas locais e das rearticulações de identidades das sociedades indígenas. A descrição densa, no sentido dado por Geertz (1978), abre o caminho para uma compreensão mais profunda dos processos que cada sociedade indígena em particular, está desenvolvendo para enfrentar esta nova realidade do contato com a sociedade nacional.

A DOMESTICAÇÃO DA IDEOLOGIA INDIVIDUALISTA

Em primeiro lugar algumas palavras sobre os Maxakali. Os Maxakali se auto denominam *tikmu'un* que quer dizer “nós os humanos”. São um povo monolíngue, em torno de 900 pessoas. Apesar de mais de 300 anos de contato, os Maxakali optaram até então, por um relativo afastamento da sociedade envolvente. A vida ritual intensa é o contato permanente com o mundo dos espíritos. Através dos canto, os *xamã* tecem a relação entre os humanos e os ‘outros’, os seus mortos e os inimigos ou aliados. A economia é baseada na caça e coleta, com pouca ênfase para a agricultura. Enfrentam atualmente gravíssimos problemas de sobrevivência dado ao reduzido espaço de sua área e a degradação do seu meio ambiente.

Nas escolas, os Maxakali decidiram alfabetizar apenas na língua materna com conteúdos da sua cultura tradicional, visto que mulheres e crianças não falam o português. Apenas os homens possuem um conhecimento precário desta língua e a utilizam apenas para as situações do contato. As mulheres e, principalmente as crianças, são as guardiãs da cultura e da língua. Aos homens cabe a tarefa de estabelecer as relações com a alteridade. Sejam estes outros os “brancos” ou os espíritos. Somente os homens são *xamã*. Somente eles têm o poder e o conhecimento de controlar a comunicação com os espíritos. Os Maxakali

decidiram também, ensinar a sua religião. As aulas de religião ou de “cultura Maxakali”, como são chamadas, são realizadas pelos *xamã* mais prestigiados, nas casas dos homens - casas rituais das aldeias - e obedecem à divisão política por grupo.

Vamos então acompanhar os Maxakali em um dia de aula nas suas escolas.

É de manhã. Uma algazarra no pátio do posto anuncia a chegada das crianças vindas em pequenos grupos das aldeias próximas. Não há um horário muito definido para o começo das aulas. Quando o grupo se reúne, o professor entra na sala. O cenário nos parece familiar: quadro negro, sala de aula, crianças sentadas. O professor escreve no quadro. Mas em movimento o espetáculo é um pouco confuso: muita conversa, entra e sai constante dos pequenos e das mães. Ninguém chama a atenção nem exige silêncio. A participação é livre e espontânea, no entanto, a resposta às aulas é boa. Depois de passarem os exercícios da lição do dia, os professores deixam os alunos nas salas e reúnem-se para também realizarem outras tarefas. Só voltarão ao final da aula para rever os exercícios e distribuir a merenda - o atendimento é de criança a criança.

Mas o que há de novo por detrás deste cotidiano escolar? Para nós, talvez além de uma nova concepção de controle disciplinar, sejam apenas os conteúdos específicos da cultura. Embora seja utilizada uma cartilha de alfabetização elaborada pelo SIL, os professores Maxakali também desenvolvem várias atividades com as crianças através de textos orais e escritos, produzidos por eles mesmos, sobre as atividades e as histórias tradicionais, sobre seus próprios costumes e valores. Mas, e para os Maxakali, o que ensinam de novo nas escolas para suas crianças?

Os Maxakali possuem nomes rituais que não são usados, como os nossos, para a identificação. Eles não devem nem ao menos ser mencionados na presença de seus donos, o que lhes causaria constrangimento.

São títulos de prestígio ritual. São por apelações de parentesco que as pessoas se chamam – filho, irmão, cunhado. São as *relações* de parentesco que identificam uma pessoa e não um nome individualizante. Mas para a comunicação com os “brancos” este sistema se torna bastante inviável. Os Maxakali adotam assim, nomes em português que utilizam apenas nestas situações.

Na escola as crianças são identificadas pelos seus nomes em português nas listas de presença e de pertencimento às turmas, nas fichas de acompanhamento escolar e nos crachás que carregam durante as aulas. São formalidades necessárias ao funcionamento administrativo da escola, é claro. Mas são também signos ostentados da ideologia individualista. Como continuam a se chamar pelo sistema tradicional, os Maxakali pregam estas listas nas paredes e portas das salas e os crachás nos corpos das crianças. Signos externos, mas presentes, necessários para que a instituição da escola através da sua ideologia básica – o individualismo – permaneça³.

Em relação aos nomes, a estratégia de domesticação da ideologia estrangeira é aquela adotada para as outras situações do contato. O que demonstra que a escola para os Maxakali, mesmo sem a presença física do “branco”, é ainda uma situação de contato simbólico. E quando a questão é a distribuição dos alimentos, assunto crucial para esta sociedade, como os Maxakali enfrentam a individualização imposta pela escola? Vamos ver o que acontece durante a distribuição da merenda escolar.

Para os Maxakali a reciprocidade dos bens encontra-se esgarçada entre dois limites: de um lado entre os parentes partilham-se os bens,

³ Estamos tomando a noção de individualismo como em Louis Dumont (1985). O individualismo seria uma ideologia característica das sociedades modernas ocidentais, onde o indivíduo é concebido como um ser moral independente e autônomo que englobaria a totalidade social.

especialmente os alimentos – enquanto para os afins e inimigos cabe a pilhagem. É uma regra básica de sociabilidade, o consumo partilhado dos alimentos entre os parentes. Lição que as crianças aprendem desde muito cedo – dividir com seus iguais os alimentos que recebem, mesmo que sobrem poucas migalhas para cada um.

Nos primeiros dias de funcionamento da escola, todos os membros das aldeias, inclusive os velhinhos, desciam para o posto para participarem da merenda - esta grande distribuição de alimentos promovida pelos “brancos” que, apenas na sua exterioridade, se assemelha aos grandes eventos rituais Maxakali⁴.

Providências foram logo tomadas: os professores foram devidamente instruídos para encarregarem-se da constrangedora tarefa de avisar aos seus parentes que não seriam mais bem vindos durante a distribuição da merenda. E que, doravante, seus filhos passariam a comer sozinhos, sem suas famílias. Agora estavam unidos numa nova categoria – a de “alunos”. Categoria esta que desconsidera os laços de solidariedade tecidos através do parentesco e na qual cada aluno é um indivíduo, independente de suas relações.

É claro, esta interdição causou muitos protestos entre os Maxakali e muita dor de cabeça para os técnicos da FUNAI e inspetores da SEE. Os professores Maxakali passaram a dormir na escola para vigiar o estoque de merenda e a comunidade desenvolveu formas de se adaptar

⁴ Os eventos rituais, ou *yãmiyxop*, são ciclos cerimoniais que ocorrem ao longo de todo o ano Maxakali. Estão relacionados às várias dimensões da vida Maxakali, como o plantio, a colheita, a caça, a iniciação das crianças, à volta das almas dos mortos para cantar para os vivos. A realização destes rituais implica na aliança temporária de vários grupos familiares. Durante as cerimônias é distribuída uma grande quantidade de alimentos através da troca ritual entre espíritos e humanos, que se dá através de pares rituais de homens e mulheres, onde os homens ocupam o lugar dos espíritos e as mulheres o lugar dos viventes. A realização dos *yãmiyxop* significa um grande prestígio para aqueles que os promovem e a oportunidade para se estabelecer alianças políticas. São portanto, o foco de interesse dos líderes Maxakali.

a esta “inconcebível norma escolar”, tão deseducativa para suas crianças, é claro, dentro dos padrões Maxakali. Se a família não pode mais vir à escola para comer com os seus, o alimento vai às famílias, através das crianças, para que seja partilhado com os parentes. A partir de então, todas as crianças trazem consigo um saquinho plástico, onde colocam a merenda recebida, depois de comerem um pouco na escola, e a levam para casa no final da aula. A quantidade de alimentos distribuído na merenda continua sendo superior à necessária para a refeição diária das crianças.

Para uma sociedade onde a generosidade é talvez a qualidade socialmente mais valorizada e onde o egoísmo de se comer sozinho, uma aberração inconcebível (principalmente se considerarmos tratar-se de um grupo de caçadores e coletores, em que o bem material mais importante é o próprio alimento), a partilha dos alimentos é o cimento afetivo e social que não pode faltar sob graves riscos de romperem-se os laços de solidariedade e reciprocidade.

Apenas com estes dois exemplos – a nomeação e a distribuição da merenda – observamos duas situações onde os Maxakali enfrentam e tentam domesticar a ideologia ocidental do individualismo trazida através da escola. Estas situações, sem dúvida, multiplicam-se frente à implantação da escola. Principalmente se pensarmos em questões como avaliação, frequência, realização individual de tarefas escolares, etc.

Como coloca Silva (1994:42) todo o nosso processo educacional escolar é individualizante: sejam as formas de avaliação utilizadas, a inserção no processo de aprendizagem, ou o acompanhamento do desenvolvimento dos alunos. Para as nossas escolas este não é um problema, pelo contrário “...este é o dever de casa de nossa escola, precisamente porque a escola é o mecanismo por excelência de produção de indivíduos, em uma sociedade cuja ideologia de base repousa sobre esta noção.” Mas para as sociedades indígenas, onde o lugar e a

própria construção da pessoa são tecidos através da sua participação nas redes de aliança e parentesco, esta concepção individualista do processo de ensino-aprendizado se torna complicada, ou mesmo, imprópria. Situações como a questão da nomeação e da distribuição de alimentos através da merenda, entre os Maxakali e a produção de tarefas escolares, entre os Waimiri-Atroari, colocam em evidência os problemas enfrentados pelos grupos indígenas ao implantarem em suas sociedades uma instituição estrangeira, que por isto mesmo, está baseada em uma outra ordem de valores, estranha às suas próprias.

Uma outra situação, talvez ainda mais complicada, seja o surgimento da categoria de professores indígenas. Como esta categoria emergente lida com os compromissos e interesses que implicam a rede de parentesco e os benefícios conseguidos através da escola: salário, controle sobre alimentos, acesso ao mundo dos “brancos” etc.? Voltaremos a esta questão mais adiante.

Mas além de uma nova ideologia, será que a escola traz também outra lógica, novas visões de mundo? Apontaremos apenas um pequeno exemplo da escola como espaço de introdução de novas categorias de pensamento.

Todos os dias, as crianças instruídas pelos seus professores, escrevem em Maxakali nos seus cadernos: “Hoje é quinta-feira, 24 de novembro de 1996 e o dia está ensolarado.” Ora, os Maxakali não concebem o tempo como nós. Em Maxakali há apenas dois termos que definem marcações de tempo: um para “agora” ou hoje e outro para “antes” e “depois”, ontem ou amanhã. O tempo é concebido de forma concêntrica e circular, centrado no “agora”. E assim a escola como o espaço da datação introduz as crianças numa nova ótica linear e progressiva do tempo com noções de passado, presente e futuro.

É claro que os Maxakali conhecem a nossa concepção do tempo, embora eles ainda se confundam um pouco com ela e não a levem tão

seriamente em consideração. Este conhecimento se dá mais tarde na vida de uma pessoa, quando situações práticas do contato o exigem. A introdução desta complexa convivência com uma duplicidade de lógicas de pensamento, por certo é uma forma eficaz de conhecimento da nossa sociedade, como é também do interesse dos Maxakali, mas pode ser problemática se enfrentada tão precocemente.

Voltando à nossa pergunta anterior sobre o que ensinam de novo os Maxakali, podemos agora concluir que se os Maxakali ensinam em suas escolas apenas sobre si mesmos – sua língua, seus mitos, costumes e conhecimentos tradicionais – ensinam também, de forma invisível, novas categorias de pensamento e uma nova ideologia para suas crianças. A domesticação da escola – mesmo de uma escola indígena diferenciada, com professores indígenas e conteúdos disciplinares específicos da cultura – é um processo de negociação de valores e reinterpretação de significados de uma outra ordem cultural e simbólica.

Mas outra questão ainda fica por investigar: O que fazem os professores quando deixam seus alunos nas salas de aula, de que outras tarefas se ocupam?

Uma coisa que me chamou a atenção nas visitas que fiz aos Maxakali foi que, sempre, a primeira coisa que mostravam com orgulho não eram as suas aulas, como eu esperava. Mostravam-me a sua produção de listas de presença e divisão das turmas, diários de classe, o ponto dos professores, os crachás das crianças etc. Falávamos dos horários de funcionamento da escola, dos seus horários de trabalho, dos papéis dos coordenadores, serventes e professores e do planejamento das atividades escolares.

Porque os Maxakali valorizam tanto toda esta administração escolar, ou porque valorizam tanto demonstrá-la para mim?

Se pouco utilizam dos conteúdos disciplinares recebidos no curso de formação de professores indígenas, na sua prática como professores,

a sociologia escolar lá percebida, é reproduzida nas suas escolas. A criação da instituição escolar e dos papéis diferenciados do ensino, a organização burocrática do saber – é esta a tarefa à qual se dedicam os professores quando deixam seus alunos nas salas de aula.

Mas se os Maxakali querem uma escola para ensinar às suas crianças apenas sobre a sua própria cultura, para em uma palavra, permanecerem o mesmo, é através de uma instituição estrangeira, carregada de uma nova ideologia e de novos significados, que tentam fazê-lo. É sob o regime da diferença, domesticando-a, que os Maxakali buscam permanecerem os mesmos. Tarefa, sem dúvida, complicada.

DIMENSÃO POLÍTICA VERSUS DIMENSÃO RITUAL

Por enquanto permanecemos apenas restritos ao espaço da escola. Outras questões também fundamentais quanto a implantação da escola, são colocadas para os Maxakali e demais sociedades indígenas, considerando a sua organização social e política: a criação de um espaço coletivo dentro de um grupo politicamente faccionado e a distribuição de poder, bens e prestígio para uma sociedade com forte tendência igualitária. Estas são apenas algumas das questões que estas sociedades enfrentam.

Talvez uma das questões mais complicadas seja o surgimento de uma nova categoria no seio desta sociedade – os professores indígenas. Esta categoria emergente detém uma série de bens como salário, controle sobre alimentos e bens industrializados e o poder adquirido pelo acesso ao mundo dos “brancos”, numa escala nunca antes acessível aos Maxakali.

Os Maxakali se organizam em aldeias de pequenos grupos familiares. Estabelecem alianças temporárias entre várias famílias, apenas para a realização dos ciclos rituais – os *yãmiyxop* – ou por motivos guerreiros. Dispersam-se novamente, por motivos de conflito interno,

morte ou para a realização de suas atividades produtivas – o plantio e a colheita. O poder político está centralizado nos homens mais velhos (sogros/pais) que reúnem em torno de si as famílias de seus filhos e parentes agregados e que detêm o prestígio do conhecimento ritual. Quando as famílias aliadas se reúnem para realizar estes ciclos rituais não há predomínio de nenhum dos líderes. Cada grupo familiar será sempre autônomo.

Grupo de caçadores e coletores, os Maxakali não desenvolveram a criação de animais nem incrementaram sua agricultura. Com a drástica redução da sua área e a devastação de seu território, causada pela ocupação anterior dos fazendeiros, eles enfrentam atualmente, sérios problemas para a sua manutenção. Como estratégia de sobrevivência, os Maxakali substituíram parte da coleta de produtos naturais obtidos no meio ambiente pela “captura” – através da troca, da petição e até mesmo pela pilhagem – dos bens da sociedade envolvente. Tornaram-se altamente dependentes dos órgãos de assistência – governos estadual e municipais, FUNAI etc. Grupos familiares realizam constantemente, pequenas incursões nas cidades próximas a “captura” destes bens. Outra fonte de recursos importantes são as aposentadorias recebidas pelos líderes familiares.

Como líderes, estes homens distribuem para um grande número de pessoas, os recursos obtidos através das aposentadorias. Além disto, são eles os maiores realizadores dos ciclos rituais. Desta forma, partilham também com as famílias aliadas, os bens acumulados, aumentando assim, o seu prestígio. Mas a nova categoria de professores encontra-se na faixa etária dos jovens guerreiros. Eles controlam apenas as suas próprias famílias nucleares. Não se mostram portanto, muito dispostos a socializar o grande volume de bens adquiridos com a sua nova atividade.

A sociedade Maxakali, no entanto, se caracteriza por uma forte tendência igualitária. Viver em aldeia significa estar entre iguais. O que implica na complexa situação de partilhar os recursos com todos aqueles que pertencem ao mesmo grupo local. Pelo menos, quando estes recursos são considerados excedentes. Pressionados a distribuir os bens acumulados, os professores se vêem assediados por todos os lados. Os parentes esperam que os bens sejam repartidos entre eles. Demandam uma participação no processo de implantação das escolas, realizando uma série de tarefas em troca da partilha destes bens. Os aliados esperam a realização de grandes eventos rituais, onde estes bens seriam então, distribuídos.

Alguns professores Maxakali que viviam junto a grupos formados por várias famílias aliadas, afastaram-se de seus grupos locais. Passaram a morar permanente em suas áreas de roça. Estratégia utilizada pelos Maxakali nos períodos de colheita quando pretendem consumir, apenas entre si, os recursos produzidos.

A criação de um espaço público dentro de uma sociedade politicamente faccionada gera situações ainda mais complexas. Para os Maxakali, o *Kuxex* – a casa dos homens – é o único espaço além dos limites do grupo familiar, que reúne várias famílias aliadas, mas ainda assim, pertence a um grupo local definido. A sociedade como um todo não é representada por nenhuma instituição. A FUNAI tenta, artificialmente, ocupar este espaço. Mas para os Maxakali, este é apenas o espaço do outro – da diferença radical – o espaço do conflito e da violência. Palco privilegiado para os confrontos entre os grupos hostis.

As escolas Maxakali reúnem vários grupos locais e criam um espaço coletivo. Embora ainda um espaço do contato, nas escolas, ao contrário do posto da FUNAI, os atores não são mais os “brancos” e sim, os próprios Maxakali. Mas os Maxakali não percebem este espaço como coletivo, embora as escolas sejam escolas públicas estaduais. São

os professores considerados os “donos” das escolas. Eles controlam o estoque de alimentos, os bens e o acesso ao mundo dos “brancos”. E o mais importante, são eles que determinam como distribuí-los. Os Maxakali nomeiam as suas escolas através dos nomes de seus “donos” – os professores.

Mas os professores pertencem à vários grupos familiares distintos. Divididos entre os compromissos e interesses do seu próprio grupo de parentes e acusados pelos aliados de estarem beneficiando apenas os seus, os professores enfrentam uma violenta disputa pela posse das escolas.

A dimensão ritual é o espaço da troca. Durante a realização dos ciclos rituais – os *yãmiyxop* – realiza-se uma troca de bens entre pares de categorias que transcendem os laços de parentesco – homens e mulheres, humanos e espíritos - os pares rituais. A rede de parentesco estabelece a partilha dos bens entre os iguais e a pilhagem entre os afins e os inimigos. A negociação de bens e privilégios, fora do contexto ritual, é complicada para esta sociedade, principalmente quando esta implica em desigualdade. Os Maxakali reagem às desigualdades internas geralmente com violência. A consequência destas disputas no contexto escolar foi a irrupção de vários confrontos violentos, com agressões físicas, destruição das casas e até mesmo ameaças de morte entre alguns grupos rivais, além do afastamento espacial destes. Na verdade, os professores que conseguiram se impor como os “donos” das escolas, expulsaram os afins que disputavam com eles a posse e o controle dos bens dessas escolas. Os grupos expulsos buscaram a participação em outras escolas através de novas alianças. É claro que a intensidade destes conflitos depende da capacidade de negociação de cada professor e do seu grupo de parentes. Em algumas escolas os vários grupos aliados ainda conseguem manter, de forma tensa, uma negociação entre eles.

A sociedade Maxakali se caracteriza por uma grande mobilidade social provocada pelas disputas e conflitos e tem, como estratégia de solução, o afastamento espacial e a atualização de novas alianças para a composição de novos grupos locais. A distribuição desigual de bens e prestígio, provocada pela implantação das escolas, dentro de uma sociedade com uma grande mobilidade social e que não aceita diferenças internas será sempre tensa e de difícil negociação. Na sua dimensão política as escolas indígenas Maxakali têm sido palco de um complicado exercício de negociação que, muitas vezes gera conflitos e confrontos. Mas se para os Maxakali está sendo difícil negociar politicamente a implantação das suas escolas, eles encontraram uma outra dimensão onde esta negociação é tradicionalmente mais bem sucedida – a dimensão ritual.

Decidiram para suas escolas, realizar dois tipos de cursos: alfabetização em Maxakali e aulas de “cultura Maxakali”. A alfabetização em Maxakali é concebida como um conhecimento do mundo dos “brancos”. É portanto, realizada nos prédios escolares e ministrada pelos professores indígenas – os interpretes deste mundo estrangeiro. As aulas de “cultura Maxakali”, ao contrário, são realizadas por seus especialistas tradicionais, os *xamã*, dentro dos espaços rituais – os *kuxex*, ou casa dos homens. Obedecem rigorosamente às divisões políticas dos grupos. Cada *xamã* realiza as suas aulas apenas no seu próprio *kuxex*. Como as mulheres são proibidas de entrarem na casa dos homens, as meninas são ensinadas pelas mulheres dos *xamã* nas casas destas. Todos os *xamã* prestigiados participam do curso através de um rodízio de *xamã*. Em oposição à transmissão escrita da alfabetização, as aulas de “cultura Maxakali” são realizadas apenas na forma tradicional, oralmente, através dos cânticos e narrações dos mitos. Os cursos de “cultura Maxakali” ocupam praticamente a metade da semana.

O rodízio de *xamã* permite a participação de todos os grupos aliados no processo da escola. Eles recebem uma pequena bolsa pelo seu trabalho. É então, através da dimensão ritual que os Maxakali realizam a partilha da escola. O curso de “cultura Maxakali”, com a participação de todos os *xamã*, só começou muito tempo após a criação das escolas. A partir de então, os conflitos, entre os grupos que disputavam a “posse” das escolas, começaram a ser solucionados. Embora ainda tensas, as relações entre os grupos não estão resultando mais em confrontos. O dilema que enfrentam os Maxakali é o de negociar a implantação das suas escolas entre as duas dimensões – o espaço da reciprocidade ritual e o espaço da disputa política – a casa dos homens e os prédios escolares.

Mas ainda resta uma pergunta: Porque os Maxakali elegeram como fundamental para a constituição das suas escolas, a introdução de uma instituição tradicional que, há séculos se mantém? O processo de transmissão do saber sagrado – o complexo ritual que envolve a iniciação das crianças e a volta das almas dos mortos para o mundo dos vivos – esta é a instituição central para a sociedade Maxakali. É neste período que se estabelece a separação entre o universo masculino e o feminino.

No ritual chamado *Taxtaxkox* os meninos, por volta dos 6 anos de idade, são levados pelos espíritos para a casa dos homens, onde permanecem de 15 a 30 dias, separados de suas mães e de todo seu universo feminino. Farão suas refeições e dormirão somente na casa dos homens, acompanhados dos seus pais. Lá, receberão dos *xamã* os ensinamentos das dimensões secretas da sua cultura. As meninas permanecerão com as suas mães e avós e aprenderão com elas a guardar as prescrições rituais referentes às mulheres. Doravante não poderão mais entrar na casa dos homens, sob o risco de serem mortas. Assim dizem os Maxakali. Os meninos circulam livremente. Ficam apenas proibidos de permanecerem nas suas próprias casas e de conversarem

com os seus parentes femininos sobre o que aprendem no *kuxex*. Este período portanto, não é um momento de reclusão. Significa, na verdade, o momento ritual da separação entre os dois universos – o masculino e o feminino – separação fundamental que constitui esta sociedade. Neste mesmo ritual as almas dos filhos mortos são trazidas pelos espíritos – os *yãmiy*, pela primeira vez para suas mães.

Para poderem iniciar as aulas de “cultura Maxakali”, os Maxakali realizaram todos os rituais que antecedem o *Taxtaxkox* – o ritual de iniciação dos meninos. Iniciaram as crianças que alcançaram a idade devida, embora a maioria das crianças que frequenta a escola já tenha sido iniciada.

Ora, o período de permanência na casa dos homens, apenas marca ritualmente o momento da separação dos meninos do universo feminino. Na verdade, o aprendizado das dimensões sagradas da cultura Maxakali é um processo que se prolonga por toda a vida de uma pessoa até a sua fase adulta. As crianças e os jovens continuam a receber os conhecimentos através dos seus parentes, principalmente dos *xamã* do seu próprio grupo de parentesco. O que os Maxakali estão fazendo em suas escolas é formalizar e intensificar, ainda mais, este processo de transmissão do saber tradicional para as suas crianças.

Extremamente valorizadas pelos Maxakali, as aulas de “cultura Maxakali” são demonstradas para nós e enfatizadas por eles como a verdadeira escola Maxakali, em oposição às aulas de alfabetização. Demonstram com orgulho, como as crianças agora estão mais “sabidas” – dominam melhor os conhecimentos sagrados.

Experiência nova para os Maxakali, e ainda pouco observada por nós, restam muitas perguntas a serem respondidas para esta sociedade, sobre o significado das aulas escolares de “cultura Maxakali”. Será mais uma estratégia desenvolvida por esta sociedade para capturar bens (as bolsas recebidas pelos *xamã*), da sociedade envolvente? Mas,

porque então, o fascínio pelo incremento da transmissão do conhecimento ritual, através da instituição escolar? Esta transmissão sempre foi bem sucedida para os Maxakali através dos seus próprios processos de educação. Entendemos aqui educação indígena em oposição à educação escolar indígena, no sentido dado por Lopes da Silva (1981:12): *“Quando se fala aqui em educação indígena é, pois, preciso diferenciar esses processos tradicionais de socialização, próprios de cada povo, de uma educação que decorre da situação de contato e de inclusão dos povos indígenas à sociedade nacional. Neste segundo caso, estão, tanto as escolas pensadas como instrumento de colonização e negação da identidade própria de cada povo e, portanto, da diversidade, quanto as tentativas de construir, com os índios, a educação “para os índios”.*

É interessante também ressaltar que a dimensão ritual é a verdadeira “porta de entrada” para esta sociedade, o canal de comunicação com os espíritos e os mortos – os *yãmiy* – espaço da troca e da reciprocidade entre os afins aliados, entre os homens e as mulheres. Foi somente a partir da participação em seus rituais que eu pude ser introduzida à esta sociedade. Assim como eu, os visitantes bem vindos a esta sociedade são recebidos como convidados para participarem dos seus rituais.

Uma outra experiência sobre escolas de *xamã* e etno-educação é analisada por Jackson (1995) para os Tukano no Vaupés. Como o projeto de educação entre os Maxakali, para os Tukano também tratava-se de um projeto do Estado e que contava com o auxílio de um antropólogo colombiano. Mas as semelhanças param aí. O projeto de educação entre os Tukano tinha como proposta, a revitalização cultural através do resgate da medicina indígena, por métodos pedagógicos modernos. A partir de uma reinterpretação e depois de uma disseminação do conhecimento *xamânico*, os professores indígenas acabaram por confrontarem-se com os *xamã*. Ocorreram neste processo, contradições

entre a forma tradicional do *xamanismo* e os métodos escolares de transmissão do saber. Para a autora os fracassos e inconsistências da implantação deste projeto entre os Tukano, foi devido ao fato de que, sob o espaço de invenção cultural promovido pelos agentes do movimento indígena, a concepção de cultura para os modelos de promoção de auto-confiança e orgulho étnicos não correspondiam às categorias de entendimento Tukano sobre si mesmos.

Ao contrário, os Maxakali não pretendem revitalizar o *xamanismo* e o conhecimento que este implica. Esta instituição continua atuante e central para a sociedade Maxakali. O que eles pretendem é traduzir a forma de transmissão tradicional deste conhecimento para a lógica institucional do ensino escolar, sem a pretensão de substituir uma pela outra. Os rituais de iniciação e a transmissão do conhecimento ritual através dos grupos familiares (ou seja, os *xamã* ensinando apenas aos seus parentes: filhos, netos e sobrinhos) continuam a ocorrer. Os Maxakali estão, na verdade, acrescentando aos seus meios tradicionais de transmissão deste conhecimento, uma nova forma de transmissão.

Mas ao traduzir a forma tradicional de transmissão do conhecimento *xamanico* para a lógica institucional escolar, será que eles estão também, mudando algumas de suas características fundamentais? O conhecimento ritual é considerado pelos Maxakali, como um patrimônio familiar, que é repassado zelosamente pelos *xamã* apenas para seus parentes mais próximos, geralmente os filhos ou netos. Este conhecimento confere àqueles que o possuem um alto prestígio e, portanto, é considerado como um bem cultural de grande valor. Ao ser introduzido no espaço escolar, onde há crianças de vários grupos familiares diferentes, este conhecimento é socializado. Contudo, há um nível de conhecimento básico sobre os cânticos e sobre a realização dos rituais que deve ser geral para todos os Maxakali. Apenas a capacidade de conduzir e coordenar todas as múltiplas etapas da realização dos

complexos cerimoniais, que duram mais de um mês e que implicam na realização de inúmeros rituais, são do conhecimento exclusivo de apenas alguns *xamã* prestigiados. A preparação para um homem realizar tarefa tão complexa é algo que só é concluído ao longo de um treinamento de muitos anos. Esta dimensão do *xamanismo* ainda é resguardada pelos grupos familiares como parte de seu patrimônio exclusivo, transmitido apenas de pai para filho. O conhecimento público promovido pelas escolas diz respeito apenas ao nível mais geral, o qual toda pessoa Maxakali deve possuir. Lembremos que, para os Maxakali todos os homens são *xamã*, ou seja, todos são capazes de controlar a comunicação com os espíritos, embora apenas alguns consigam atingir este *status* de *xamã* prestigiado – capaz de coordenar toda a realização dos ciclos rituais. Portanto, todos os homens devem conhecer os princípios gerais de sua cosmologia e vida ritual. O ensino escolar das dimensões de sua religião veio intensificar ainda mais este processo de socialização geral, pelo qual deve passar todas as crianças Maxakali⁵.

É interessante observar que, embora este conhecimento mais geral sobre o *xamanismo*, que é ministrado nas escolas, seja também do conhecimento dos professores, não foram estes os escolhidos para a realização desta tarefa, e sim, os *xamã* renomados do grupo. Homens de uma faixa etária superior. Isto porque são eles que, dentro da tradição Maxakali, legitimamente, possuem a tarefa de ensinar aos mais jovens este conhecimento tradicional. Portanto a instituição da escola, no que se refere as aulas de “cultura Maxakali”, foram englobadas pela

⁵ As meninas por não poderem participar da mesma forma que os meninos da dimensão ritual e por estarem excluídas de várias dimensões deste domínio, são socializadas pelas mulheres mais velhas acerca das dimensões que podem e devem participar dos rituais e do conhecimento cosmológico (como a narração dos mitos), e principalmente, das prescrições rituais sobre a construção e manutenção do corpo humano, domínio de responsabilidade maior das mulheres.

lógica da tradição cultural Maxakali. As aulas escolares de *xamanismo*, ministradas pelos *xamã* com o auxílio dos professores, foi traduzida pelos Maxakali, como uma nova versão da forma tradicional da sua transmissão de conhecimentos. Aos poucos, a dimensão sagrada ritual incorpora também a instituição da escola.

Talvez a análise de Bruce Albert (1995) sobre a produção do discurso das lideranças indígenas Yanomami, que reinterpretaram a retórica indigenista (do Estado ou das ONGs) em um campo de negociação interétnica, seja interessante para pensar a relação entre a escola e o *xamanismo* Maxakali. Albert aborda a passagem de uma narrativa cosmológica etnocêntrica para uma narrativa étnica relativista sobre a alteridade. Embora não esteja analisando a reinterpretação indígena de uma agência educativa estatal e sim a produção de um discurso etnopolítico indígena que reinterpreta as noções do discurso ocidental ambientalista e a definição de territorialidade jurídico-política estatal, o autor vai nos mostrar como os Yanomami são capazes de executar uma articulação entre dois registros simbólicos de significado.

O que fazem os Maxakali quando decidiram ensinar em suas escolas as dimensões do seu conhecimento tradicional sobre a cosmologia e vida ritual, é também, tentar articular dois registros simbólicos de significados – a transmissão de um saber tradicional e as modalidades do ensino escolar.

As aulas dos *xamã* ocupam a metade dos dias letivos nas escolas Maxakali. Elas se opõem às aulas de alfabetização dadas pelos professores porque se constituem apenas através da oralidade. São ensinados às crianças os cantos rituais e as narrativas dos mitos. A escrita, este símbolo máximo da escola, está ausente nas aulas dos *xamã*. O que constitui este momento do ensino como uma modalidade de “aula escolar” para os Maxakali e o diferencia dos outros momentos tradicionais de transmissão deste mesmo saber é a definição de um tempo dentro do

horário escolar, a presença e a participação efetiva dos professores, a distribuição da merenda e é claro, o controle burocrático da sua realização.

Atualmente, em algumas escolas, estas aulas começaram também a ser realizadas nos prédios escolares. O que fazem os Maxakali é circunscrever este momento dentro de um outro contexto – o escolar. Mas ao delimitar a sua atualização dentro desta nova situação, eles estão também enfatizando a socialização deste conhecimento. A transmissão através dos grupos familiares enfatiza a exclusividade de um patrimônio familiar. Embora o conteúdo dos ensinamentos dos *xamã* nas escolas seja do conhecimento geral, as *formas* desta transmissão, anteriormente não o eram. Eram de domínio privado. E é exatamente, esta socialização das formas de transmissão de conhecimento tradicional que os Maxakali consideram um valor conseguido através da escola.

As aulas de “cultura Maxakali”, dadas pelos *xamã*, e a alfabetização em Maxakali são realizadas para suas próprias crianças mas têm como mediação uma outra instituição estrangeira à sua própria ordem de significados. Ou seja, se as escolas são feitas pelos Maxakali e para eles próprios, elas são feitas também através do olhar do outro. É interessante observar que todo o registro escolar produzido pelos professores Maxakali são escritos em português. A caderneta de frequência dos alunos, os pontos dos professores e outras burocracias do controle do ensino escolar são, é claro, exigências da Secretaria de Educação e devem ser escritas em português para permitir o controle dos técnicos da educação. Mas os cadernos de planejamento e diários de aula que se referem ao conteúdo das disciplinas específicas de sua própria cultura, também o são. O controle do funcionamento da vida escolar fica a cargo do olhar do “outro”.

Quando os professores deixam seus alunos em sala de aula e se dedicam à produção das tarefas de organização burocrática do saber,

estão, na verdade, traduzindo o processo desta transmissão do saber para a lógica ocidental. Estão estabelecendo os contornos deste processo para que ele se constitua em um processo escolar, assim como eles o percebem.

Em suas participações no cenário nacional, nos últimos anos (campanha pela reunificação de seu território, encontros de educação indígena de saúde do índio etc.) os Maxakali se apresentam sempre através de seus cantos rituais, ao invés do discurso político. É através de sua dimensão ritual que eles se manifestam para os "outros". As relações de troca entre as categorias de homens/mulheres e entre parentes/afins são traduzidas para uma linguagem das relações entre vivos, espíritos e mortos. De um lado teríamos as mulheres ocupando o lugar dos vivos e os homens dos espíritos. De outro, as trocas entre afins se daria através dos pares rituais ou *komã*y. (Alvares 1992). Ao socializarem o conhecimento *xamanico* nas aulas de "cultura Maxakali" eles também elegeram esta dimensão para constituírem a sua própria imagem para o "outro". A dimensão ritual amplia agora o seu campo semântico para dar sentido às relações com os "brancos", estes "outros" extremos.

Os Maxakali propõem uma articulação criativa entre a sua cosmologia e os processos do contato e da etnicidade. Como coloca Albert (1995:24) esta análise sobre os fenômenos de inovação cultural supera as oposições que a esterilizam, como tradição/aculturação, resistência/assimilação e autenticidade/manipulação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a educação escolar indígena, enquanto um projeto propriamente indígena, é pensar nos problemas e questões que se colocam para estas sociedades, além das suas relações mais imediatas com a nossa sociedade. É preciso considerar também, as consequências internas à

estas sociedades que este novo contato implica. Para construir um projeto próprio de escola e alcançar sua autonomia, além de negociar com as instituições nacionais os seus próprios currículos e calendários, os conteúdos específicos das suas culturas e as suas pedagogias próprias, estas sociedades têm que negociar e administrar a distribuição interna de recursos, dentro dos seus próprios padrões de organização política e social. Precisam construir também, um projeto de escola que tenha significado dentro da dimensão simbólica das suas próprias culturas. Este é o desafio que as sociedades indígenas enfrentam e nós, como assessores destes processos, devemos melhor compreender.

Como nos coloca Silva (1994:51), é preciso pensar o significado da escola como parte de um projeto social que a transcende e “... *a relação entre esta instituição e a divisão do trabalho, tal como se define na sociedade em que está inserida (o seu projeto social) ...*”. Eu ainda acrescentaria que é preciso também, pensar a divisão simbólica do seu saber, como cada cultura a define.

O processo de englobamento da noção da instituição escolar pela dimensão ritual, me parece uma resposta criativa dada pelos Maxakali para enfrentarem, em seus próprios termos, esta nova fase de contato com os “brancos”, ou seja, de relacionamento com a alteridade. A dimensão ritual é exatamente, o local privilegiado da comunicação positiva com a alteridade: com os mortos e os espíritos e com os afins – aliados ou inimigos. Para os Maxakali além desta forma de relacionamento com a alteridade só caberia o seu extremo oposto – a hostilidade através da guerra e do saque. Esta é a forma de relacionamento destinada aos afins em conflito e principalmente, até então, aos “brancos”.

Os Maxakali classificam os “brancos” e os demais grupos indígenas como ‘*āyūnhuk* em oposição aos seres humanos, os *tikmu* ‘*un*. Após a morte a alma dos humanos se transforma em *yāmiy*, espírito cantor que mora no além, mas que volta para a aldeia dos vivos para cantar e

dançar para os humanos, durante a realização dos rituais. Para se completar como pessoa humana, é preciso, em vida, possuir *yāmiy* e seguir uma série de prescrições rituais de construção e manutenção do corpo, relacionadas ao derramamento do sangue. Por não seguirem estas prescrições e por não possuírem *yāmiy*, os *‘āynhuk* não se transformam, após a morte, em espíritos cantores. Transformam-se no seu oposto, em *inmoxã* – seres selvagens e canibais, cuja a forma emblemática de manifestação é a onça canibal.

Os Maxakali desenvolveram uma “resistência especulativa” através de um “discurso sobre o outro para si”, onde os “brancos” ficariam fora das fronteiras do humano, Albert (1995:5). Nesta nova fase de diálogo com os “brancos”, estes passariam a ocupar um lugar mais central dentro do modelo de relação ritual entre categorias diferentes. Os Maxakali se constituiriam, através do olhar do “branco”, enfatizando a sua própria dimensão ritual, como os espíritos cantores. Os “outros”, ocupariam o lugar dos viventes neste novo modelo de relações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERT, B. 1995. O Ouro Canibal e a Queda do Céu: Uma crítica *Xamânica* da Economia Política da Natureza. Sér. *Antropologia*, UNB.
- ALVARES, M.M. 1992. *Yāmiy os Espíritos do Canto. A construção da Pessoa na Sociedade Maxakali*. UNICAMP. Dissertação de Mestrado.
- BARROS, E.P. 1997. Reflexões Sobre Educação Escolar Indígena na Conjuntura Atual. In: *Urucum Jenipapo e Giz Educação Escolar Indígena em Debate*. Cuiabá, Conselho de Educação Escolar Indígena de Mato Grosso – CEI/MT, p. 25-34.
- DUMONT, L. 1985. *O Individualismo Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro, Rocco.
- GEERTZ, C. 1978. Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura. In: *A Interpretação da Cultura*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, p. 13-44.

- JACKSON, J. 1995. Preserving Indian Culture: Shaman Schools and Ethno-Education in the Vaupés, Colombia. *Cult. Anthropol.* 10 (3): 302-329.
- LOPES DA SILVA, A. 1981. Por que discutir hoje a educação indígena. In: *A QUESTÃO da educação indígena. Comissão Pró-Índio de São Paulo*. São Paulo, Brasiliense.
- SILVA, M. 1994. A conquista da escola: a educação escolar e o movimento de professores indígenas no Brasil. *Em aberto*. Brasília, 14(63): 38-53.

Recebido em: 29.06.98

Aprovado em: 12.05.99